



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DA GUARDA



Março 2018
Trimestral
Distribuição gratuita

Quaresma e Tempo Pascal

Oportunidade para relançarmos as nossas razões de viver

† Manuel R. Felício, Bispo da Guarda

Iniciámos, na Quarta-Feira de Cinzas, um longo caminho em que, durante as sete semanas de Quaresma e as 8 semanas do Tempo Pascal, somos convidados a recordar as verdadeiras razões de viver e a colocá-las, o mais possível, em tudo o que decidimos e fazemos.

De facto tanto as pessoas como as instituições precisam de dar contínua atenção ao porquê e ao para quê da sua existência e das suas actividades. Caso contrário correm sempre o risco de cair em formalismos que desvirtuam tudo o que fazem, podendo levar à sua insignificância e mesmo a serem recusadas pela sociedade.

E as comunidades cristãs, como todas as instituições da Igreja, incluindo as Misericórdias, não fogem à regra.

Daí a importância da Quaresma e do Tempo Pascal que ela prepara. Começamos a Quaresma com o gesto profundamente realista da imposição das cinzas que nos lembra a finitude e as múltiplas dificuldades que cruzam a existência das pessoas e das comunidades. Pretendemos viver as 8 semanas do tempo que se lhe segue, com início na Vigília Pascal, para celebrar a força da esperança que nos vem da Pessoa de Cristo Ressuscitado.

De facto, na imposição das cinzas, gesto simbólico com que tradicionalmente se inicia a Quaresma, escutamos palavras como estas: “Lembra-te homem que és pó e em pó te hás-de tornar” e também “Arrependei-vos e acreditai no Evangelho”. Se o primeiro apelo nos remete para o reconhecimento da nossa finitude e do carácter



passageiro da vida no tempo, o segundo convida-nos a olhar o futuro com esperança. E é mesmo a esperança que queremos cuidar especialmente nesta Quaresma. Ela não se confunde com futilidades tais como a ilusão do dinheiro ou os falsos remédios para muitas desilusões, sejam elas drogas, lucros fáceis ou simplesmente a satisfação ilusória dos apetites imediatos.

Diz o Papa Francisco, na sua mensagem para esta Quaresma, que a ganância do dinheiro apaga o amor. Segue-se-lhe a recusa de Deus e com ela a recusa de quantos se julga podem ameaçar as seguranças e o bem estar confortável do indivíduo, sejam elas o bebé, o idoso doente, com a tentação da eutanásia, o estrangeiro, ou o próximo que, por qualquer motivo, pode ser considerado peso.

A Quaresma propõe-nos um caminho de conversão e renovação que nos faz descolar de situações desordenadas como estas e avançar para atitudes novas apostadas sobretudo em promover a dignidade, a liberdade e a capacidade de amar, nas pessoas. Para progredirmos nesse caminho de conversão, a sabedoria secular da Igreja adianta os remédios da oração,

do jejum e da esmola.

A oração há-de ser entendida como a respiração natural de todos os seres humanos diante de Deus para o qual mantêm sempre tendência irresistível, embora quantas vezes abafada por mil tarefas e correrias, que não deixam lugar para o principal na nossa vida.

A esmola fortalece sempre a experiência da comunhão e a alegria da partilha, a que nenhum ser humano é indiferente. A renúncia quaresmal que anualmente é proposta pelas comunidades é oportunidade para as pessoas fazerem esta experiência positiva.

Pelo jejum, não só partilhamos a experiência dos que não têm o necessário para matar a fome – e convém não esquecer que pelo menos um quarto da população mundial passa fome –, mas sobretudo sentimos ao vivo que nem só de pão vive o homem. A vida é feita sempre de renúncias e o valor da vida das pessoas mede-se também pela autodisciplina que cada um sabe impor a si próprio, a qual necessariamente implica renunciar a muita coisa.

A todos os irmãos da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia da Guarda, aos seus órgãos dirigentes, mas também a todos aqueles e aquelas que se encontram comprometidos com ela, em diversos serviços, desejo que possam viver o tempo da quaresma e o tempo pascal como oportunidade bem aproveitada para crescerem na compreensão e na prática da Misericórdia e do que ela significa para os novos modelos de vida em sociedade que urge promover.

A Palavra do Provedor



De há muito perseguem a Mesa Administrativa e o Provedor a requalificação do Lar na Guarda. O projecto foi, finalmente, aprovado e licenciado pela Câmara Municipal, decorrendo, neste momento, a ultimização da candidatura aos Programas 2020 e PQ-CAPI - Projecto de Qualificação das Comunidades Amigas das Pessoas Idosas, a cargo da empresa GALBILEC - Porto, candidatura a apresentar até final do mês de Abril. Um Lar que era uma referência na cidade e na região foi-se desactualizando face ao natural desgaste do edifício e, sobretudo, face às sucessivas alterações legislativas.

Como é sabido, o primeiro dos programas disponibiliza dinheiro a fundo perdido (trata-se, infelizmente, de quantias diminutas, tendo em conta o elevado custo das obras); o segundo possibilita um empréstimo, a taxa reduzida, com um período de carência e com reembolso diferido por cerca de duas dezenas de anos. Mesmo assim, tudo indica que a Misericórdia se verá obrigada a recorrer a crédito bancário, para o que se desenvolveram contactos exploratórios com os três Bancos autorizados (Caixa Económica Montepio Geral, Caixa de Crédito Agrícola Mútuo e Millennium BCP).

É intenção da Mesa Administrativa, logo que a candidatura seja aprovada (e se o for), mandar elaborar, em princípio à mesma empresa, o Projecto de Requalificação do Lar na Vela, a necessitar de obras de fundo, não obstante as continuadas obras de manutenção, adaptação e restauro a que tem sido sujeito (lembra-se que o edifício e a Quinta foram objecto de doação à Misericórdia pelo Ministério da Segurança Social em 1994, nesse momento já em mau estado e a necessitar de obras urgentes que, como se disse, têm vindo a ser realizadas continuamente...).

O Provedor
Jorge Fonseca

Ficha Técnica | Revista Trimestral

Propriedade: Santa Casa da Misericórdia da Guarda, Rua Francisco dos Prazeres, 7 - 6300-690 Guarda, Telf. 271 232 300, www.scmguarda.pt · scmgnoticias@gmail.com; **Direcção:** Mesa Administrativa; **Coordenação:** Teresa Gonçalves;

Capa: Imagem da Senhora da Misericórdia - Creche e Jardim de Infância

Execução gráfica: Marques & Pereira, Lda.; **Depósito Legal:** 372896/14; **Tiragem:** 1000 exemplares.

A opção da grafia, observando ou não as regras do novo acordo ortográfico é inteiramente da responsabilidade dos autores dos textos.

Conservatório de Música

Entrevista | Alfeu Carneiro

*"A música para mim é vida.
O violino é o instrumento de
eleição porque é o mais
elegante e melódico de todos!"*

(Alfeu Carneiro)

Aos 35 anos, Alfeu Carneiro chegou ao Conservatório da Guarda no início de 2009. Nessa altura já tinha começado a dar aulas de violino há 4 anos. Enquanto tirava a Licenciatura de Música – Variante Instrumento (Violino), em Castelo Branco, na Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART), surgiu a primeira proposta para ser professor de violino, na Academia de Música e Dança do Fundão. Depois desta primeira escola, leccionou no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian em Braga e no Conservatório de Música e Artes do Dão. Actualmente lecciona no Conservatório de Música da Guarda, no Conservatório da Covilhã, no Conservatório de Música e na escola Escola Profissional de Artes Performativas da Jobra e no Conservatório de Música de Terras de Santa Maria.

Revista: Conte-nos um pouco sobre a sua paixão pela música e sobre a escolha do instrumento.

Alfeu Carneiro (AC): Na minha família sempre houve a tradição da prática musical. Começou com o meu avô, que tocava contrabaixo, de seguida o meu pai, que era maestro e tocava clarinete e contrabaixo. Tanto eu como a minha irmã também fomos estudar música quando éramos pequeninos! A



minha irmã escolheu o violoncelo e eu o violino. Sabia desde o início que era esse o instrumento que queria aprender a tocar. Não é muito fácil explicar como surgiu a paixão pela música, já que eu nasci e cresci sempre com a sua presença no meu dia-a-dia. Era um elemento natural nas nossas vidas. As dúvidas sobre qual seria o meu futuro profissional foram muito escassas até chegar à licenciatura de violino. Era algo que eu realmente queria seguir, já fazia parte de mim.

Revista: O que mais gosta na profissão de músico e no papel de professor?

AC: Em orquestra, aquela sensação de que, quando começamos a primeira nota nos violinos estamos todos sincronizados, em sintonia, em uníssono,

e principalmente estamos a fazer música. É uma satisfação enorme sentir isso em concerto. Quando toco estou a fazer música para meu deleite também. Depois há o meu outro lado, o do ensino, em que transmito tudo o que aprendi e o que vou aprendendo na prática de concertos e contacto com colegas. Preenche-me imenso o facto de saber que alguém está a evoluir musicalmente graças à minha dedicação, ao meu empenho, ao meu estudo. É claro que fico chateado quando os alunos não estudam, isso põe-me frustrado por vezes. Mas depois passa quando estudam e me mostram, repletos de orgulho, o que estudaram! E é nesses momentos que percebo que ensinar compensa. Aprendo imenso com os alunos porque me desafiam

como professor e como ser humano até, e é realmente uma felicidade enorme ensinar-lhes também.

Revista: O que destaca do trabalho que tem realizado no Conservatório da Guarda?

AC: Acho que tenho realizado um trabalho muito positivo no Conservatório. Tenho levado alunos a concurso de violino e têm tirado excelentes prémios. Estes prémios são o resultado de muito trabalho e dedicação dos alunos. Actualmente, no Conservatório de Música de São José da Guarda, tenho 26 alunos, com idades entre os 5 anos e 17 anos.

Revista: O que lhe apraz destacar no funcionamento do Conservatório? O que faz falta melhorar na Instituição? O que considera ser o mais positivo?

AC: Gosto da organização do Conservatório, da boa disposição dos colegas, das iniciativas, da autonomia que

dão aos professores e motivação para os alunos. Faz falta ao Conservatório ter mais salas de aulas ou mesmo salas de estudo para os alunos.

Revista: Quais os projetos musicais que está a “abraçar” actualmente?

AC: Actualmente faço parte do Síntese – Grupo de Música Contemporânea da Guarda e da Orquestra Douru's. Em Julho de 2018 irei participar como professor convidado na Orquestra Nacional de Jovens na Figueira da Foz.

Revista: Como olha para Portugal e para a Região a nível artístico mais erudito?

AC: Penso que Portugal valoriza (um pouco) o ensino das artes mas não o suficiente ainda. No nosso país ainda há muito que fazer nesse sentido: o ensino da música ainda é considerado das elites, é caro, é limitado. Como professor também não acho que seja considerado tão importante quanto

deveriam ser os professores das artes. As artes eram uma área menor durante largos séculos, no ensino. Mas com o tempo as coisas vão melhorando aos poucos. Hoje em dia um aluno já pode seguir o ensino articulado (ainda que haja poucos lugares disponíveis pelo país) sem que tenha que ir para a escola de música depois das aulas, e isso é um grande avanço já! Quanto à Região da Beira Alta, (Guarda especificamente), penso que de certa forma há muitas iniciativas que elevam as artes na região. Há sempre mais a fazer claro, mas a minha ideia é que a Guarda já é pró-activa pelas artes e acredito que assim continuará em ascensão.

Revista: O que faz fora da música, ou ao som da música?

AC: Adoro fazer caminhadas na praia e passear de Vespa.

por Teresa Gonçalves



The poster features a background of faint, sketchy architectural drawings. In the center, the text 'ICSP' is written in large, bold, serif capital letters. Below it, in smaller, bold, serif capital letters, is 'INSTITUTO DE CONSERVAÇÃO E SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO'. To the left of the center, the word 'Sudário' is written in a large, stylized, gothic script font, with a dark, textured, cloth-like shape behind it. To the right of 'Sudário', the text 'CONSERVAR NO PRESENTE PARA PRESERVAR O PASSADO E TRANSMITI-LO AO FUTURO...' is written in a bold, serif font. At the bottom left, there is a green logo for 'INCI' (Instituto de Conservação e Salvaguarda do Património) with the text 'ALVARÁ DE CONSTRUÇÃO Nº69410' and 'Decreto - Lei n.º 12 - 2004, de 9 de Janeiro' below it. At the bottom right, there are two social media icons: a Facebook 'f' icon followed by 'facebook.com/icsp.sudario' and a telephone icon followed by '918 243 319 - 964 152 641'.

Entrevista Helena Neves

Natural da Gafanha da Nazaré, Distrito de Aveiro, Helena Neves, 43 anos, tem gosto por várias áreas artísticas, sendo a música, (em todas as dimensões), a maior paixão. Helena Neves gosta de fazer música, de a ensinar e de a ouvir. “Todos os dias contacto com música. É como um vício, mas neste caso um vício bom!”

Revista: Como e quando chegou à Guarda e ao Conservatório e como foi o seu percurso profissional?

Helena Neves (HN): Formei-me na Universidade de Aveiro, fiz mestrado na Universidade Nova de Lisboa em Psico-

logia e Pedagogia musical, para além de diversos cursos de aperfeiçoamento. Tive a oportunidade de trabalhar com vários professores, portugueses e estrangeiros, sendo que, alguns deles são considerados verdadeiros mestres do ensino e da pedagogia musical a

nível mundial, assim como na área do Canto Lírico. Fiz um segundo mestrado em Canto na Universidade de Aveiro. Paralelamente desenvolvia projectos musicais onde cantava. Nunca estava parada. Comecei a leccionar muito cedo, porque era também uma forma



de financiar o meu curso, visto que os meus pais não tinham muitas posses. Participei em diversos tipos de projectos: discos, spots de rádio, ensembles... Nessa fase, não fazia música Clássica em exclusivo. Cheguei a pertencer a um grupo de Jazz, com o qual gravei um disco, e realizei inúmeros concertos. Estive ligada a diversas escolas de ensino artístico, onde leccionei Formação Musical, Coro e Canto. Em 2007 fui convidada a integrar o corpo docente do Conservatório de Música da Guarda, e logo fiquei a gostar desta cidade. Em 2010 resolvi mudar-me para a Guarda, uma vez que dessa forma já não teria de fazer viagens constantemente, além de sentir um certo fascínio pela beleza desta região.

Revista: Fale-nos um pouco do seu trabalho no Conservatório da Guarda e da opinião que tem sobre a evolução da escola. O que considera mais positivo e o que se pode melhorar para dar continuidade aos bons resultados dos alunos.

HN: Ao longo dos anos tenho acompanhado as várias mudanças que tiveram lugar no Conservatório. Inicialmente havia menos alunos e menos cursos. Foi importante o investimento na abertura de cursos novos, pois quando entrei (2007) não havia viola d'arco, nem oboé, nem trompete, nem percussão. A existência destes cursos também contribuiu para uma melhoria em termos de qualidade e diversidade de ensino. Por outro lado, ao longo do anos, vi que tinha sido feito um esforço para a consolidação do trabalho dos coros e de grupos instrumentais como a orquestra de cordas ou de sopros. Essa consolidação foi fundamental para que agora exista uma orquestra geral (ainda que com deficit de alguns naipes instrumentais). As coisas levam tempo a construir, e não surgem de um dia (ou de um ano) para o outro! Mas tem valido a pena ver o crescimento das classes - inclusive da classe de Canto.

Tenho vindo a trabalhar, sobretudo, para fazer com que os meus alunos saiam bem formados. Posso orgulhar-me de ter preparado vários alunos até ao 12º ano na Formação Musical, e no Coro, e mesmo em Canto, que entram no ensino superior, quer em universidades portuguesas, quer em Inglaterra, Holanda e Espanha.

Como é óbvio, podemos e devemos trabalhar sempre para melhorar. Pode-se continuar a investir na abertura de cursos fundamentais como contrabaixo, ou trombone, ou trompa, pois, parecendo que não, estes instrumentos fazem toda a diferença numa orquestra e na dinâmica de uma escola de ensino artístico. Veja-se o exemplo de algumas escolas por este país fora, que, ao abrirem estes cursos, viram crescer a qualidade do trabalho. Seriam necessárias mais salas, e mais algum investimento, claro. Mas valeria a pena. Também seria interessante abrir algumas variantes de ensino, como Jazz ou Música Tradicional. Creio que há muitas pessoas que teriam gosto por aprofundar os seus conhecimentos musicais, mas não necessariamente na vertente Clássica.

Revista: Para além dos Grupos que já existem, tem alguma ideia sobre novos Projectos que se possam criar a partir da Escola?

HN: Na verdade tenho pena de nunca ter conseguido organizar um Coro de Encarregados de Educação, apesar de, por uma ou duas vezes, ter

leccionado workshops destinados aos pais, no conservatório, e destes terem participado activamente. Mas toda a gente tem uma vida agitada, hoje em dia, e é difícil reunir um grupo grande. Mas ainda tenho esse desejo! Por outro lado gostaria de ter uma classe de canto mais abrangente para poder realizar um Atelier de Ópera, com vozes seleccionadas (cantores e alunos de coro).

Revista: Quantos alunos tem neste momento e como os caracteriza?

HN: Tenho quase uma centena de alunos. O facto de leccionar Formação Musical permite-me conhecer muitas turmas. Tenho tido a felicidade de continuar em contacto com alguns alunos, mesmo após tirarem os seus cursos de música, medicina, ou direito. É claro que alguns alunos têm mais dificuldade na disciplina de Formação Musical, porque na verdade eles procuram sobretudo a aprendizagem do instrumento musical. Porém, a Formação Musical tem um papel importante no currículo, e creio que a maioria dos alunos acaba por lhe dar valor, e melhorar o aproveitamento ao longo dos anos lectivos.

No que respeita ao Canto, a classe não é numerosa, mas tem vindo a crescer. Tenho quatro alunos (três meninas e um menino) com idades entre os 10 e os 12 anos. São crianças talentosas e que, se estudarem, chegarão muito longe! Qualquer criança pode estudar Canto a partir do 5º ano (e mesmo durante o 1º ciclo, apesar de ter que revelar, à partida, capacidades vocais para isso). Estudar Canto é uma opção fantástica para aquelas crianças que passam o tempo a cantar e que adoram música, mas que não sentem o apelo pelo estudo de um instrumento específico. Então, porque não aprender Canto? Gostaria de acrescentar que cantar não é uma actividade exclusiva dos jovens. Cantar é mesmo uma das melhores coisas que existem. Há imensas pessoas que gostam de cantar. Há pessoas com 50, 60, 70 anos que adoram cantar. E se

“A Voz e o Canto são a minha vida. Um dos maiores privilégios que se pode ter é, sem dúvida, dominar a arte de cantar, e fazer dela a nossa profissão!”

(Helena Neves)

isso as faz sentir bem, pois devem continuar a fazê-lo. Sempre!

Revista: Quais as suas referências nas vozes eruditas?

HN: Confesso que tenho uma paixão por algumas vozes incríveis: a Anna Netrebko, a Angela Gheorghiu, a Renée Fleming... são nomes incontornáveis. Mas há também vozes quentes como a da Elina Garanca, ou virtuosas como a Patricia Petibon, ou versáteis, como a Aleksandra Kurzak. Aprecio igualmente as vozes do Roberto Alagna, do Jonas Kaufmann, do René Pape, do Philippe Jaroussky. Na área da música contemporânea sou fã da Barbara Hannigan, e da Frauke Aulbert, entre outras.

Revista: É membro fundador de alguns projectos com destaque para o Síntese – Grupo de Música Contemporânea. Conte-nos um pouco sobre esta “aventura”.

HN: O Síntese é um grupo de música contemporânea já conhecido pela sua actividade, quer na cidade da

Guarda - onde organiza todos os anos um festival de música contemporânea - quer no resto do país, pelo facto de contribuir há mais de onze anos para a criação artística nessa área. Este grupo constitui-se como associação em 2007, e desde 2010 tenho sido eleita para a presidência da direcção. Tenho estado muito envolvida nos projectos que apresentamos quer a nível local, quer a nível nacional e internacional, com apoio da Direcção Geral das Artes, nos últimos anos. Como cantora, penso que este projecto se tem revestido de múltiplos desafios, uma vez que estreamos música nunca antes feita, ou seja, composta propositadamente para nós, com um grau de dificuldade muito elevado. Temos de construir todas as obras a partir do “zero”, sem pontos de referência em gravações ou outras interpretações, por exemplo. Temos de pensar objectivamente no que é que o compositor espera de nós, dominando completamente a linguagem contem-

porânea, para poder realizar a melhor performance, ao mais alto nível. Tenho tido o prazer de trabalhar com compositores como Christopher Bochmann, Cândido Lima, Amílcar Vasques-Dias, Nuno Côrte-Real, Sara Carvalho, ou António Chagas Rosa, Eduardo Patriarca, entre muitos outros.

Revista: A Guarda é uma cidade inspiradora?

HN: Eu gosto de pensar na Guarda como um todo, não é só cidade, é também toda a região: as aldeias, as montanhas, os campos e tudo isso em conjunto faz da Guarda um dos mais belos locais do país, com uma beleza ímpar. Foi e é inspiradora. Muitos poetas beberam desta fonte de inspiração, e muitos outros artistas e artesãos partilham dessa inspiração. Sendo eu uma pessoa ligada a uma arte tão sensível como a Música, não poderia deixar de sentir essa inspiração, também.

por Teresa Gonçalves



Inscrições abertas para novos alunos

Estão abertas as pré-inscrições no Conservatório de Música, (valência da Santa Casa da Misericórdia da Guarda). Os interessados deverão preencher, até 30 de Junho, o formulário presente na nossa página de internet. As pré-inscrições podem ser feitas num dos instrumentos lecionados ou em Ballet, nos cursos de Pré-escolar, Iniciação, Básico, Secundário e Livre.

No próximo ano letivo, o Regime Articulado funcionará no Agrupamento de Escolas de Afonso de Albuquerque e, para o 5º ano, também no Agrupamento de Escolas da Sé.

Nos dias 2, 3 e 4 de Julho os professores do Conservatório estarão disponíveis para ajudar os alunos a experimentar todos os instrumentos musicais e a descobrir a vocação para cada um. Serão realizados concertos didáticos e sessões de experimentação para novos alunos.

As provas de acesso decorrem de 9 a 11 de julho.



Workshop de Guitarra e Violino

Decorreu de 23 a 25 de Março um Workshop de Música de Câmara direcionado aos alunos de Guitarra, Violino e Viola d'arco do 5º ao 7º ano de escolaridade.

Esta iniciativa teve como objetivo fomentar o gosto pelo instrumento e promover a prática da música de câmara entre os alunos mais novos, e contou com forte adesão por parte dos alunos. Foi orientado pelos professores Olena Sokolovska e Pedro Ospina.



Ciclo de audições

Ao longo de 3 semanas, os nossos alunos apresentaram-se em concertos coletivos e audições de classe no auditório do Conservatório. Ao todo foram 23 os momentos em que podemos apreciar os novos talentos que emergem na nossa escola. Es-

tamos muito orgulhosos de todos. Continuem. No próximo período haverá mais e melhor!

Aqui fica o registo dos momentos coletivos: Concertos de Coros e Clases de Conjunto Instrumental.



e concertos



Concerto didático no TMG

O Conservatório de Música da Guarda apresenta um Concerto Didático, no dia 11 de abril, com récitas às 10h30 e 14h30, totalmente dirigido aos alunos do ensino pré-escolar e do 1º ciclo.

Através deste concerto pretendemos, através de um repertório re-

tirado exclusivamente de filmes de animação, dar a conhecer os instrumentos musicais e as suas características particulares em contexto de orquestra.

Participarão neste concerto os alunos de coro do 1º ao 6º ano, a Orquestra do Conservatório, as alunas de canto do Curso Secundário e a maioria dos pro-

fessores do Conservatório.

Esta atividade é o culminar de uma série de pequenos concertos de demonstração de instrumentos e de sensibilização para a música realizados em todas as escolas do 1º Ciclo dos Agrupamentos da Guarda.

Márcia Cunha e César Cravo
Direcção Pedagógica

História

O Pavilhão novo do Hospital da Misericórdia



O Hospital da Misericórdia foi inaugurado em 1907 mas, desde aí, as obras não pararam. É verdade que era novo e construído de raiz, coisa rara naqueles tempos, mas à semelhança do Sanatório Sousa Martins, foi mal dimensionado. As necessidades das populações que a ele recorriam eram muito maiores que as programadas, e, por outro lado, havia também que responder aos avanços tecnológicos na área da saúde, por isso, sem surpresa, as obras foram-se sucedendo. Na maior parte foram de pequena dimensão, meras adaptações, no entanto, algumas houve de grande envergadura. As mais significativas foram a construção da casa para albergue dos pobres, da instalação do RX, da maternidade e do banco de urgências, nos anos 30.

O BANCO DE URGÊNCIAS E O BLOCO OPERATÓRIO

Mas nada que se comparasse às realizadas 20 anos depois. Nessa altura foi construído um novo banco de urgências, um bloco operatório, duas enfermarias de cirurgia, uma unidade de sangue e novos quartos particulares. Estas obras foram de grande significado e importância para a Guarda. Foram inauguradas em 1959, sendo provedor da Santa Casa o tenente-coronel José Soares de Matos e governador civil o Dr. César Augusto de Carvalho. Corresponderam à vinda do prestigiado médico, Dr. Silvano Marques, para a Guarda, e que durante décadas dirigiu os serviços cirúrgicos. É neste corpo do edifício que hoje se encontram instalados os serviços administrativos e sala de despacho da Mesa.

O PAVILHÃO GULBENKIAN

No começo dos anos 70 do século passado, o Dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, encontrava-se na Guarda e tendo-se sentido mal teve que ser assistido no hospital. Ficou impressionado com duas coisas: a qualidade humana da assistência, e a modéstia, quase pobreza, das instalações e meios técnicos existentes.

Sensibilizado, de imediato, prometeu tudo fazer para ajudar as gentes da Guarda. Prometeu e cumpriu!

Em Junho de 1973 as obras do então chamado Pavilhão Novo tiveram início, sendo provedor da Santa Casa o Dr. José Rodrigues Gomes, e empreiteiro a firma J. Rafael, Lda., a quem tinham sido adjudicadas por 8.500.000\$00 escudos.

Em 25 de Abril de 1974 o edifício estava praticamente concluído, aguardava algum equipamento, mas no segui-

mento do período convulsivo que se lhe seguiu e do novo enquadramento político e social do país o Hospital Dr. Francisco dos Prazeres foi integrado em 1975 na rede de hospitais do Estado, conjuntamente com o Sanatório Sousa Martins, dando origem ao Hospital Distrital da Guarda.

Nesse novo contexto, o pavilhão foi reestruturado na sua funcionalidade, mas sempre imponente. Para se avaliar a grandeza do edifício basta dizer que ali foram instalados condignamente o Serviço de Urgências, o Serviço de Radiologia, o Serviço de Ortopedia, o Bloco Operatório e Cirurgia Mulheres, entre outros.

Actualmente, depois de devolvido à Santa Casa, ali funcionam vários serviços de saúde.

Francisco Manso (Irmão)



Farmácia

Antibióticos... Usar com bom senso

Os antibióticos são medicamentos utilizados no tratamento de infeções, provocadas por bactérias. Os antibióticos não são eficazes nas infeções virais, nomeadamente gripes e constipações. Estes medicamentos não são todos iguais, cada um só atua sobre alguns tipos de bactérias, por isso só o médico deve escolher o antibiótico adequado à sintomatologia do doente. É verdade que são considerados medicamentos potentes, mas não curam todas as doenças. Quando utilizados de forma incorreta podem ser prejudiciais. A resistência das bactérias aos antibióticos é um dos grandes problemas da atualidade cuja origem está na sua incorreta e abusiva utilização. A resistência consiste na perda de eficácia destes medicamentos, que acarreta perigo para a saúde pública, designadamente: o prolongamento da doença, o aumento da contagiosidade e das complicações graves. Devem por isso ser utilizados de forma segura por forma a evitar as resistências. Para evitarmos tal situação devemos ter em atenção:

- Estes medicamentos só devem ser utilizados por indicação médica;
- Não tomar o antibiótico que tenha guardado em casa porque este pode não ser o adequado à atual infeção, mesmo que os sintomas sejam

semelhantes;

- Tome sempre à mesma hora, todos os dias até ao fim do tratamento, mesmo que já se sinta melhor;
- Respeite sempre o tempo de tratamento prescrito pelo médico;
- Se não sentir melhorias após 3 dias a tomar antibiótico ou no final do tratamento, deve contactar novamente o médico. Isto porque, mesmo quando existem melhoras dos sintomas as bactérias responsáveis pela infeção podem não ter sido totalmente eliminadas, o que faz com que a infeção não tenha sido completamente curada. Além disso, a interrupção do

tratamento também pode fazer com que as bactérias sobreviventes desenvolvam resistência aos compostos usados, o que pode fazer com que o antibiótico se torne ineficaz no futuro. Se ao terminar o tratamento ainda restar antibiótico, devolva-o na farmácia para ser eliminado com segurança.

Os antibióticos nem sempre são o melhor remédio; é necessário respeitar as regras para prevenir a resistência bacteriana e para assegurar que os antibióticos cumprem a sua função no combate à infeção.

Cristina Santos (Dir. Técnica)

Largo General João de Almeida, 3
6300-695 GUARDA
Tel. 271 212 130



FARMÁCIA DA
MISERICÓRDIA



Procissão dos Passos e Enterro do Senhor

A Santa Casa da Misericórdia da Guarda realizou mais uma vez as habituais cerimónias do calendário da semana Santa, que têm nos fiéis grande acolhimento e devoção. No dia 18 de Março, durante a tarde, decorreu a Procissão dos Passos e na Sexta-Feira Santa dia 30 à noite a Procissão do Enterro do Senhor. As cerimónias foram presididas por D. Manuel Felício, Bispo da Guarda.



Lar na Vela

Amores maiores

José Queimada de 76 anos e a Maria José Dourado de 74 estão casados há 54 anos. Naturais da vila de Almeida, conheceram-se na escola primária. “Eu gostei logo dela, íamos falando, víamo-nos nos bailes... acabámos por ter que casar por procuração porque eu emigrei para o Gabão. Fui lá comerciante muitos anos. Casámos em 1960 e só em 1963 é que foi possível a minha mulher ir ter comigo. Eram outros tempos (...) Tivemos 4 filhos e temos agora a neta Madalena. A maior qualidade da minha esposa? É boa pessoa. O defeito? [risos] zanga-se muito comigo quando a contrario, porque sempre lhe dei muito mimo. Nunca a tratei pelo nome, só a trato por “menina”. O momento mais feliz das nossas vidas? o nascimento dos filhos”.



Melhoramentos

A Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia da Guarda decidiu adquirir algum equipamento para o Lar na Vela, que em muito contribuiu para uma melhoria do conforto e bem-estar dos nossos residentes. Não desvalorizando a aquisição e instalação de um elevador novo, as novas cadeiras e cadeirões para alguns dos corredores e salas de convívio além de confortáveis, vieram também dar outro colorido aos espaços da valência.

Além das novas peças de mobiliário, o Lar na Vela foi também contemplado com a substituição do revestimento do chão de alguns dos quartos, onde se verificava estar mais deteriorado.



Já passaram 60 anos desde que Aida Graça casou com Alfredo Dias. “Eu tinha 27 anos e o meu marido 29. Casámos e mais tarde emigrámos para França à procura de melhores condições. Ao longo da nossa vida fomos concretizando os nossos desejos. Só tivemos um filho e temos um neto a quem queremos tanto como ao filho. A principal qualidade do meu marido é ser muito meu amigo. Sempre foi. Um bom pai e também um bom avô. O defeito é ser muito nervoso! O momento mais feliz da minha vida foi o dia do nosso casamento. Se voltasse atrás voltava a casar com ele (...) como costumam dizer, apaixonei-me! Às vezes tínhamos os nossos aborrecimentos mas depois passava... tínhamos paciência um com o outro”.



Dia da Mulher

No dia 8 de Março as residentes do nosso Lar confeccionaram a sobremesa para o Almoço. Foi uma sobremesa particularmente especial: uma mousse de limão. Os limões foram colhidos pelas residentes na cerca (quinta) do nosso Lar. Para além da actividade culinária, as residentes colaboraram na decoração da valência através da elaboração de bonitos arranjos de flores feitos em lã, plástico e papel. A residente Esperança Pina Ambrósio teve a iniciativa de ler um poema dedicado à Mulher, gesto que foi bastante aplaudido por todos.



Dia do Pai

O Dia do Pai no Lar na Vela começou por ser assinalado logo no dia 17 de Março, data em que o Sr. Padre Matos teve possibilidade de vir à nossa capela celebrar a Eucaristia. A nossa residente D. Esperança Pina Ambrósio recitou, no final da celebração, um poema dedicado ao Pai que a todos sensibilizou. No dia 19 de Março (especificamente dia dedicado aos Pais), realizou-se um baile para os que há muito são pais (e para os que não são também), muito animado pela boa disposição das funcionárias, residentes e de alguns familiares.



Preparativos de Páscoa

As nossas residentes assumiram muito bem a tarefa de elaborar uma pequena lembrança para ser oferecida a cada um no Domingo de Páscoa, onde algumas delicias (amêndoas e chocolates) foram envolvidas num bonito papel e onde por fim foi aplicada uma flor elaborada pelas idosas do Lar, a partir de feltros coloridos.



Em Fevereiro recebemos a visita do " Grupo de Cavaquinhos do Centro Social da Póvoa do Mileu" (Guarda). Os residentes do nosso Lar

receberam com carinho e alegria o grupo, participando nas letras das músicas e animando o bailarico que acompanhou a actuação. O nosso

bem-haja ao grupo. Ficamos à espera de nova visita!

*Isabel Russo (Directora)
Ana Neves (Ajudante de Lar)*

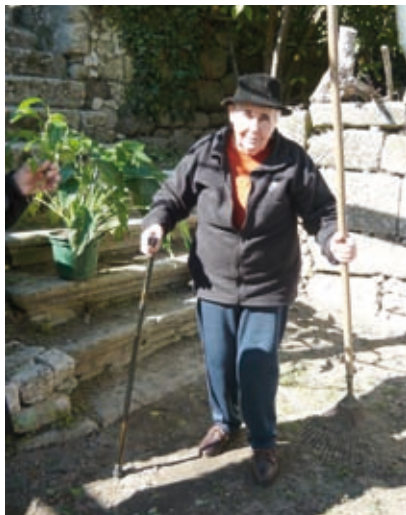


A chegada da Primavera

A propósito da comemoração do dia da árvore e também para marcar a chegada da Primavera, convidámos os nossos residentes a plantar várias plantas de interior em vasos que ao longo do ano, eles próprios, terão o cuidado de tratar.

A promoção da consciência ambiental prolongou-se ao longo do dia e fomos contemplados à tarde com um simpático sol de Primavera que permitiu a um grupo de residentes

sair para o exterior e acompanharem e auxiliarem o trabalhador agrícola da valência, o Sr. Manuel, a plantar duas árvores de fruto na cerca do Lar. Foi com grande entusiasmo de decorreu esta actividade.



COVIPNEUS

Fundão, Guarda e Castelo Branco

...Sempre Junto a si...

Lar na Guarda

Visitas Diferentes

O encontro intergeracional é sempre um momento especial no nosso Lar. Desta vez a visita foi de algumas crianças de uma turma do 5º ano da Escola de Santa Clara. As crianças apresentaram os nossos residentes com algumas peças teatrais, canções, poemas, anedotas e danças. Os nossos

residentes retribuíram a simpatia dos jovens com alguns dos seus saberes. Foi uma manhã bonita, animada, cheia de alegria e energia partilhada

por todos. Crianças e residentes interagiram, criaram laços afetivos, convidando-nos para uma eventual visita à referida escola.



Festejos de Carnaval

A folia de Carnaval foi mais uma vez vivida no nosso Lar. Tivemos o privilégio de ter connosco o Centro Paroquial e Social da Sé. Juntos partilhámos momentos de alegria, promovendo também o convívio com outra Instituição da cidade. Revivemos costumes e tradições. Não faltou o desfile e o baile.



Anabela Dias (Directora)
Berta Ribeiro (Animadora Social)

Ida ao Dentista

Saúde Oral na Prevenção das Doenças

A estreita relação entre as doenças da cavidade oral e outras doenças sistémicas é amplamente conhecida pelos profissionais de saúde mas ainda é um tema pouco desenvolvido para o público em geral. Existe cada vez mais evidência científica de que não é apenas a cárie dentária que pode levar ao desencadeamento ou agravamento de outras doenças, mas também a periodontite - doença que afeta as estruturas anexas aos dentes como a gengiva e o osso - tem interação com doenças respiratórias, cardíacas e ainda com a diabetes.

É por isso de extrema importância alertar para as consequências nefastas das doenças orais, e ainda para a importância tanto da sua prevenção como do tratamento.

Existem dados estatísticos* que nos indicam que 68% dos Portugueses têm falta de dentes naturais; 50,1% dos portugueses já tiveram dificuldades em comer ou beber devido a problemas na boca ou nos dentes; e 37,6% dos portugueses tiveram dores nos dentes e/ou gengivas nos últimos doze meses. Por estes valores se vê que ainda há muito a fazer no campo da Saúde Oral em Portugal.

As principais afeições da cavidade

oral são a cárie dentária e as doenças periodontais – gengivite e periodontite. Estas doenças têm relação cientificamente comprovada com outras doenças fora da cavidade oral, como por exemplo a diabetes, as doenças cardiovasculares e as doenças respiratórias.

Em relação aos doentes que sofrem de diabetes sabe-se que estão muito mais suscetíveis a infeções e abscessos orais. Por outro lado, a inflamação crónica da gengiva e do osso no caso da Periodontite pode causar resistência à insulina. Assim, a qualidade de vida dos doentes fica afetada. A redução da inflamação periodontal por métodos e técnicas aplicados pelo Médico Dentista, traz benefícios para o doente com Diabetes, tanto local como sistemicamente.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, as doenças cardiovasculares são a primeira causa de morte a nível global, morrendo mais pessoas anualmente por Doença Cardiovascular do que por qualquer outra causa. A hemorragia gengival patente na Gengivite e Periodontite permite que as bactérias da cavidade oral passem para a corrente sanguínea, aumentando o risco de doença cardiovascular. O tratamento da Doença Periodontal diminui

o risco de aparecimento de Doenças Cardiovasculares.

Quanto às doenças respiratórias tem sido demonstrado que uma melhoria da higiene oral pode reduzir a ocorrência de pneumonia. Por outro lado, uma placa dentária com elevada carga bacteriana pode predizer um aumento do risco de pneumonia. A associação entre uma má higiene oral e o aumento de infeções respiratórias já foi confirmada.

Métodos preventivos como escovagem, utilização de fio dentário e/ou escovas interdentárias e o uso de um colutório adequado devem ser ensinados. O profissional de Saúde Oral pode orientar o paciente na mudança para um estilo de vida saudável, recomendando a diminuição do consumo de alimentos e bebidas ricos em açúcares e a eliminação de hábitos nocivos como o consumo de drogas, tabaco ou álcool. Tentar despoletar uma maior motivação para a higiene oral é também o objetivo do Médico Dentista junto dos seus doentes, que deve ainda explicar a importância dos tratamentos dentários na manutenção da saúde, tanto oral como geral.

*Fonte: Barómetro da Saúde Oral –
Ordem dos Médicos Dentistas
Rita Vilar (Médica Dentista)

clínica do sorriso
RITA VILAR • MÉDICA DENTISTA



Medicina Dentária
Ginecologia | Obstetrícia
Cirurgia Geral
Endocrinologia
Medicina Geral e Familiar
Pediatría
Reumatologia
Ortopedia
Pneumologia
Urologia
Psiquiatria
Podologia
Medicina Chinesa
Psicologia Clínica
Exames Psicotécnicos
Terapia da Fala
Enfermagem
Nutrição
Optometria

Economia Social

É importante consciencializarmo-nos de que o Estado, por si só, não pode ter a pretensão de chegar a tudo e a todos. Sempre que tentou, falhou e endividou as gerações vindouras, hipotecando-lhes o futuro e obrigando a ajustamentos financeiros com impacto negativo na vida de todos nós. Dizer isto do Estado, sobretudo do Estado Social – que é uma conquista civilizacional que devemos acautelar e preservar de forma sustentável – pode parecer uma afronta, sobretudo para alguns pais de moral ideológica que se julgam donos da verdade absoluta.

Mas a verdade, a verdadeira, é que a vontade do Estado em viver de aparências, de fingir que consegue assegurar o que não tem possibilidade, pode significar um enorme risco e não corresponder às próprias expectativas que ele cria junto das pessoas, acabando por deixar muitas delas de fora. E da ilusão à exclusão é apenas um pequeno passo. Mais pequeno do que possamos imaginar.

Daí que o Estado deverá, antes de mais, saber construir pontes de confiança e parcerias com aqueles que ao longo dos tempos têm vindo a assumir uma importância incontestável no combate à exclusão social. Essa é das mais profundas reformas que o nosso Estado deve realizar, assumindo acima de tudo uma realidade que é já em si mesma incontornável. Mudar o que deve ser mudado, melhorar o que tem de ser melhorado, para que todos possamos ganhar, sobretudo as gerações futuras.

As instituições de solidariedade social, pelo seu modelo organizativo e proximidade física, conseguem prestar um apoio de qualidade inquestionável e em permanente adaptação às novas realidades sociais, sendo mais flexíveis que o Estado para fornecerem uma



resposta mais adequada. São elas que presentemente se assumem como um braço extensível dessa mesma entidade distante e abstrata que é esse mesmo Estado e que conseguem equilibrar o apoio social que hoje é prestado.

É importante construir um país onde cada família tenha mais oferta de creches para deixar o seu filho e onde o idoso, podendo escolher ficar em casa, seja cada vez mais acompanhado. Um país onde também os mais idosos, optando por um lar, encontrem boas condições e onde aqueles que têm deficiência não sofram o drama da exclusão. E essa realidade só é possível se estivermos todos, Estado Central e entidades da Economia Social, de mão dada a caminhar num mesmo sentido.

As instituições de solidariedade social são ainda particularmente importantes na dinamização da economia. São elas que muitas vezes, sobretudo em zonas de interioridade, são o agente económico de excelência, dinamizando economias locais, sendo fonte de emprego e contrariando até a ten-

dência da balança comercial, ao não importarem e antes consumirem muito dos produtos da região onde estão inseridas.

Quer isto dizer que junto com as instituições de solidariedade social é possível gerar riqueza de inquestionável valor social e humano. É possível assegurar a manutenção do modelo social europeu que é símbolo para o mundo inteiro da conquista civilizacional trilhada, que é matriz identitária da Europa e que pretendemos preservar.

Por tudo o que fica escrito também as instituições de solidariedade social deviam ser uma forte aposta na alocação de verbas comunitárias através dos fundos europeus 2020, como forma de reforçar o elevador social e conseguir acrescentar e melhorar a rede de apoio às famílias, ajudando a combater a exclusão e o desemprego e devolvendo a esperança de muitos portugueses num futuro melhor, sem que isso coloque em causa o de todos nós.

Henrique Monteiro (Mesário)

Considerando a ligação da Creche e Jardim de Infância (uma das valências da Santa Casa da Misericórdia) aos valores da Igreja Católica, a Mesa Administrativa da Santa Casa decidiu adquirir uma imagem da Srª da Misericórdia, que colocou na entrada da valência. A imagem é quase idêntica à que está exposta no altar mor da Igreja da Mise-

ricórdia, senda a diferença relacionada com quem está protegido pelo manto da Santa: crianças no lugar de adultos. O Sr. Cónego Pereira de Matos (o nosso Capelão), benzeu a imagem numa cerimónia simples, onde deixou palavras (adequadas à idade das crianças), sobre o significado da imagem ali colocada.



Leituras

Textos que geram vida - Testemunho do Bispo António Marcelino - 2

Mãe é mãe – 2

Os gestos e as lições da mãe como recados de Deus!

«Ó ti Cajada! Agora, com um filho bispo, como é que o vai tratar?» - perguntou-lhe uma vizinha.

«Ora essa! Como sempre o tratei. Por António, como é que havia de ser?»

Anos e anos, telefonava-lhe todos os dias. Era este o maior presente que lhe podia dar, que outros, ela não os quis nunca.

Os gestos e as lições da mãe, como recados de Deus, ficam-nos para a vida. O Vaticano II veio dizer-me que o servo não é senhor. A minha mãe já mo tinha dito e ensinado de muitas maneiras, ainda antes de eu ser padre. Assim me mostrava que aquilo que me era pedido seria o meu projeto de vida. Talvez, por isso, hoje como ontem, me incomoda o «Dom». Não o posso evitar, infelizmente, mas decidi nunca assinar o meu nome com

tal adereço. Esse é tratamento de fidalgos. Eu sou filho modesto de uma família modesta. E o brasão episcopal? Nunca o quis, nunca o tive. Se, por burocracia, o necessitasse alguma vez, a diocese teria, por certo, o seu selo próprio. E devo dizer que nunca me fez falta (1). Também me vem de minha mãe o enjoo pelos títulos de adorno, que a Igreja teima em conceder a clérigos, como se o ser simplesmente padre ou bispo não chegasse. Não sei que previa ela que, quando lhe comunicaram que eu ia para Roma estudar, chorou e disse-me: «Para quê? Mas porquê, se já és padre? Não chega?»

Bispo António Marcelino, (em Pedacos de Vida que geram vida, Ed. Paulinas, 2011)

(1) Igualmente, o nosso Arcebispo Manuel nunca teve tal emblema e, como digo logo no livro UMA IGRE-

JA DE TODOS E DE ALGUÉM, durante anos ele próprio assinava como Padre Manuel, Bispo da Igreja em Nampula e, assim foi tratado na roda dos seus amigos, durante toda a vida. Mas, claro, o tratamento sociológico do DOM acabaria por se impor. E como no mesmo livro testemunha o José Portela e a Ester, afinal o D. Manuel, foi mesmo um “Dom de Deus” para nós. Igualmente o Bispo Tomás Nunes, que foi Auxiliar de Lisboa onde morreu precocemente, renunciou expressamente a tal “embelezamento” aquando da sua nomeação. Outros bispos, porém, quase são obrigados pela atmosfera ainda muito feudal que domina ainda a cabeça de muitos católicos que, quando um amigo é nomeado Bispo se apressam a oferecer-lhe esta “ vaidade”.

Zé Luzia

Pároco Diocesano de Nampula (Moçambique)

Da EUTANÁSIA

Morte com dignidade ou suicídio assistido

A questão não é fácil nem pacífica. Daqui talvez o seu interesse, mais do que filosófico, premente porque atual. Oriunda do grego – “eu thanatos” – que traduzido literalmente significa “boa morte” – se é que a morte pode ser boa, esta é uma questão há muito debatida pela civilização, discutindo-se, no fundo, se a morte, enquanto derradeira expressão da autonomia e da afirmação do ser “Homem” – segundo Kant – é no fundo uma libertação sujeita à autonomia da vontade.

Da eutanásia, enquanto procedimento para fazer chegar o fim da vida sem sofrimento, interessará principalmente a comumente denominada eutanásia ativa assim chamada pelo facto de o doente / destinatário não ser neste processo um mero ente passivo, antes tendo necessariamente uma ação determinante no alcance do resultado. Assim, e sem querer tomar qualquer partido, a verdade é que a breve trecho poderemos dispor no nosso ordenamento jurídico interno uma norma legal que despenalize tal prática; sim, porque atualmente ainda constitui um tipo legal de crime – art. 133º do C. Penal –, sendo objetivamente um homicídio, embora mitigado, já que com uma moldura penal baixa que admite desde logo a suspensão da execução de uma hipotética pena de prisão.

E assim, neste circunspeto, como agir, o que fazer?

Deverão os médicos respeitar à linha o juramento de Hipócrates ou poder-se-ão transformar em juízes vitais?

Dever-se-á dar primazia à vontade e desejo esclarecidos do doente irre-



cuperável e em sofrimento, ou adequar melhor os meios paliativos – que são muitos – que permitam aguardar pelo seu fim sem sofrimento?

Pois é! É que a questão pode estar exatamente aqui: no evitar do sofrimento. Sofrimento do próprio e dos que o amam e lhe estão próximos.

Ora, se clinicamente é possível evitar o sofrimento, ou ao menos minorá-lo ao ponto de o tornar perfeitamente suportável, não antevejo – salvo o devido respeito por diverso entendimento – que um ser humano tenha o direito ou a obrigação – natural ou outra –, de pôr termo à vida de outro.

E se do ponto de vista do humanismo cristão tal posição se impõe – veja-se por todos a Epístola 130,14, 25-26: CSEL. 44,68-71, do Sec. VI da autoria de Santo Agostinho – também do ponto de vista estritamente positivista a mesma conclusão se impõe.

A não ser que se visem diminuir as despesas e os encargos com as unidades de cuidados paliativos, intensivos e quejandos... é que se assim fôr, e até que parece, estar-nos-emos a aproximar da seita que nos idos anos

30 e 40 do século passado pretendeu afinar a raça e limpar a humanidade. Cuidado com as preocupações excessivas com os orçamentos da saúde e com as estatísticas...

Segundo Kant em *Da doutrina dos elementos da Ética* “todo o ser humano tem um direito legítimo ao respeito dos seus semelhantes e está, por sua vez, obrigado a respeitar todos os demais”.

A humanidade ela mesma é uma dignidade, pois um ser humano não pode ser usado meramente como um meio por qualquer ser humano (quer por outros quer, inclusive, por si mesmo), mas deve sempre ser usado ao mesmo tempo como um fim. É precisamente nisso que a sua dignidade (personalidade) consiste, pelo que ele se eleva acima de todos os outros seres do mundo que não são seres humanos e, no entanto, podem ser usados, e, assim, sobre todas as coisas.

Posto isto, deverá prevalecer o primado da vida e o respeito pelo ser enquanto Homem, pois quando se perderem tais valores, a vida humana não passará de estatística.

Vitor Lavajo (Mesário)

Exéquias de D. António dos Santos (23.03.2018)

Excertos da Homilia proferida pelo nosso Bispo D. Manuel Felício, na Missa de Corpo Presente de D. António dos Santos Bispo Emérito da Diocese da Guarda

“O Sr. D. António dos Santos, que hoje confiamos, de modo particular, à misericórdia divina e esteve ligado a esta diocese da Guarda durante 38 anos, 25 dos quais como seu Bispo Diocesano, foi chamado, há menos de 48 horas, a viver a Páscoa de outra maneira.

Muitos foram os anos seguidos em que, nesta Sé presidiu à celebração do Tríduo Pascal, à Missa Crismal de Quinta-Feira Santa e cantou o Aleluia da madrugada da Ressurreição. Desta vez foi chamado a antecipar a celebração da Páscoa pelo Senhor que a tudo preside e também aos destinos da vida de cada um de nós (...) Mas olhando para trás, encontramos, na pessoa dele, muitos sinais da garantia experimentada pela figura do Servo de Javé; ou seja, a garantia que vem de Deus para quem se procura colocar sempre ao lado dele. Esses sinais são a valiosa obra pastoral realizada por D. António nesta nossa querida Diocese da Guarda. Assim, logo na mensagem programática, com que abriu o seu ministério episcopal nesta Diocese, em 2 de fevereiro de 1980,

apontou três grandes opções que haviam de marcar a sua presença no meio de nós e foram elas, a saber:

- fidelidade ao Concílio Vaticano II,
- aproveitar da melhor maneira a tradição de fé vivida nesta Diocese, desde longa data,
- percorrer caminhos de renovação comunitária, de corresponsabilidade eclesial e de serviço da caridade.

Cedo compreendeu e procurou fazer compreender que esta Diocese tinha de se preparar para viver com menos padres, o que dá a entender logo na primeira homilia da Missa Crismal de Quinta-Feira Santa na qual falou sobre “uma Igreja com menos clero chamada a renovar-se”.

O Congresso Diocesano dos leigos que ele convocou como ensaio preparatório para o Congresso Nacional dos Leigos realizado em julho de 1988 foi passo importante nesta caminhada de renovação, não só pelas orientações pastorais dele derivadas, mas também pela decisão nele tomada de criar uma Escola Teológica de Leigos (...) A celebração dos 25 anos do encerramento

do Concílio Vaticano II, no ano de 1990, é também oportunidade bem aproveitada por D. António dos Santos para procurar relançar a Diocese pelos caminhos da renovação conciliar. E propõe mesmo o que chamou “Decénio de renovação espiritual e pastoral da Diocese da Guarda”, que haveria de conduzi-la até ao jubileu do ano 2000. Este plano pastoral para 10 anos é formalmente aprovado e proclamado pelo Bispo Diocesano em dezembro de 1990. Estas foram importantes opções que marcaram o magistério e a condução pastoral do Sr. D. António (...)

D. António entrou na Diocese da Guarda, quando esta vivia, há mais de uma década, acentuada crise de vocações sacerdotais.

E o facto é que, com a sua entrega decidida, conseguiu abrir caminhos novos para chegar a uma situação bem diferente, pois, durante os seus 25 anos de Bispo da Guarda, ordenou 37 padres para o nosso Presbitério. Cabe-lhe ainda o mérito de ter conduzido a Diocese para a opção pelo Diaconado Permanente, que hoje constitui importante ministério entre nós.

Estamos-lhe profundamente gratos por ter conseguido trazer para a Guarda uma comunidade religiosa contemplativa da Ordem das Carmelitas, mandando construir para ela o convento da Santíssima Trindade. Também não só a Diocese mas também a população em geral da Guarda lhe devem reconhecimento por ter acolhido as Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus e, com elas, o Hospital psiquiátrico Bento





Menni inaugurado em 1994. Promoveu as celebrações do 8º centenário

da transferência da sede desta Diocese da Egitânia para a Guarda, com programa que se desenvolveu ao longo de todo o ano de 1999 de que se destaca o Congresso Histórico Teológico, preparando imediatamente o Jubileu do ano 2000.

Por estas e muitas outras razões, que nunca poderão ser devidamente contabilizadas por nós, damos abun-

dantes graças a Deus. E nesta hora, que também tem o sabor amargo da despedida, desejamos prestar a nossa singela homenagem a D. António dos Santos, que, com a sua forma própria de estar na vida e na acção pastoral, foi, de verdade, um pai para esta Diocese da Guarda e em particular para os seus padres.

Que Deus seja louvado.”

A Capelania da Misericórdia

P. Manuel Pereira de Matos

Cuidar as Fragilidades da Família

Tradicionalmente, a Família e os grandes princípios familiares eram a garantia da segurança dos indivíduos e da própria sociedade. Um providencial baluarte de estabilidade!

Temos vindo, porém, a assistir, nas últimas décadas, a inquietantes mudanças. E a inquietação a respeito da família surge naturalmente nos seus próprios membros, afetando de modos diferentes os distintos componentes do agregado familiar. Hoje em dia, em grande número de famílias, mais do que a força e a consistência, estão à vista não poucas fragilidades.

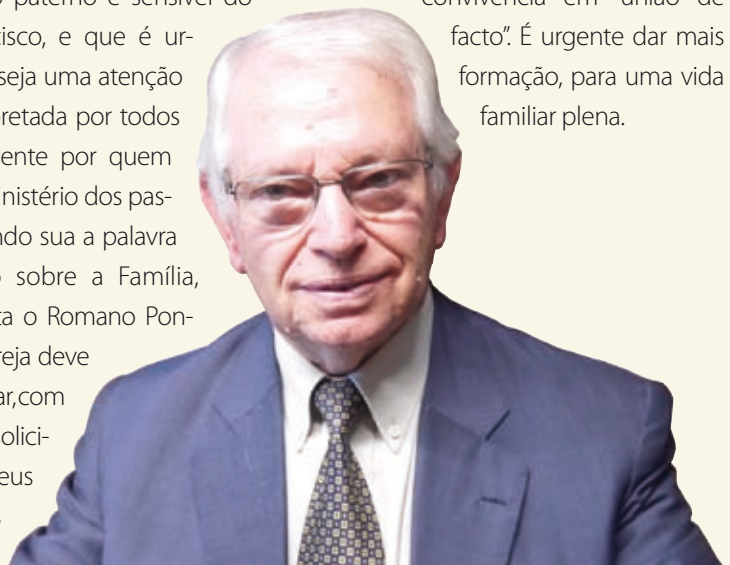
Diríamos que, como norma, os mais idosos experimentam um profundo sofrimento de ordem moral, devido a terem como quadro de referência os valores familiares herdados do passado, herança que, em tantos casos, veem perdida. Já as gerações mais novas são principalmente atingidas no domínio psicológico e afetivo. Os diretamente implicados são os esposos e, com eles, os filhos. E as situações, essas são as mais diversificadas, embora com

elementos comuns e com repercussões semelhantes, provindo quer da unidade desfeita, à fidelidade rompida; ou também da debilidade económica, à precariedade de emprego. É por isso que os documentos e as orientações da Igreja se ocupam de toda esta problemática da família na atualidade.

Felizmente que, em nossos dias a solicitude pastoral da santa Mãe Igreja manifesta uma atitude que se pretende nova, providencialmente nascida do coração paterno e sensível do Papa Francisco, e que é urgente que seja uma atenção a ser interpretada por todos nós, mormente por quem exerce o ministério dos pastores. Fazendo sua a palavra do Sínodo sobre a Família, assim exorta o Romano Pontífice: “A Igreja deve acompanhar, com atenção e solicitude, os seus filhos mais frágeis,

marcados pelo amor ferido e extraviado, dando-lhes de novo confiança e esperança” (Amoris laetitia, 291).

Especial cuidado deverão merecer os casos em que os que foram batizados – e que por isso deveriam crescer na fé, e como realização existencial deveriam optar pela – ainda se não decidiu o casamento religioso, celebração do sacramento do Matrimónio – ainda não decidiram fazê-lo, ficando pelo casamento civil, ou simplesmente pela convivência em “união de facto”. É urgente dar mais formação, para uma vida familiar plena.





APOIO AO ESTUDO COM PROFESSOR DO 1º CICLO

a partir de
Setembro com
HORÁRIO
ALARGADO

mensalidade
inclui:
TRANSPORTE
ALIMENTAÇÃO
e
APOIO AO ESTUDO

PARA MAIS
INFORMAÇÕES,
CONTACTE-NOS



→ INSCRIÇÕES
ABERTAS ←

informações e inscrições:
Secretaria da Santa Casa
Rua Francisco dos Prazeres, 7 · Tel. 271 232 300